



TUTOR OU ORIENTADOR DA APRENDIZAGEM: ONDE ESTÁ O PROBLEMA?

1. Uma caminhada e um susto

Embora a EaD caminhe a passos largos a orientação da aprendizagem ainda é motivo de desconfiança e resistência pelos sujeitos da aprendizagem (professor e aluno).

Onde está o problema?

Há 12 anos eu diria que a dificuldade em planejar e executar esse processo de ensinar e reaprender, a distância, estava na falta de entendimento da proposta apresentada pela EaD para a docência virtual.

Com o passar do tempo e diante de vários questionamentos surgidos no intervalo de três anos de trabalho nesse processo (2001 a 2003), os meus questionamentos aumentaram. Sobretudo, quanto ao modo como a instituição onde trabalhava concebia o novo desafio e selecionava professores para lidar com a Ead. Era um quebra cabeça difícil de entender e principalmente de colocar em prática a docência virtual que se configurava: muito trabalho de transferência (pedagogia da transferência do presencial para o virtual) e pouca clareza quanto aos pressupostos da EaD.

Finalmente em 2004 descobri que até então o meu exercício e a vivência na orientação da aprendizagem a distância estava muito aquém da minha expectativa e da expectativa do aluno (sujeito principal da aprendizagem).

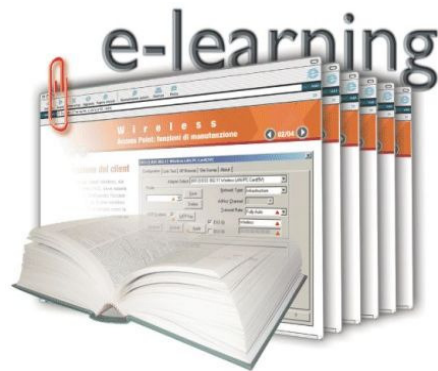
Então, fiz a seguinte pergunta: onde estamos errando?

Foi uma longa caminhada para perceber, pelo método de observações vivenciais e indicadores de resultados, que eram vários os erros cometidos. Alguns se destacaram pela forma como se apresentavam e interferiam nos resultados da aprendizagem a distância:

- 1 – incompetência / ignorância dos professores convidados / escalados para lidar com a complexidade da EaD;
- 2 - cursos preparatórios para a docência virtual, xérox da prática presencial;
- 3 - alunos despreparados para a mudança de paradigma (dependentes e passivos);
- 4 - seleção de professores para a EaD baseada na divisão do trabalho do professor, no imprevisto e no encantamento pelas novas tecnologias educacionais;
- 5 - visão comercial da IES em detrimento de modelos pedagógicos para a EaD;
- 6 - inexistência de Modelo de Gestão da EaD integrando: educação, tecnologia, legislação e visão administrativa, e finalmente a visão sistêmica da EaD como modelo integrador;
- 7 - projeto pedagógico substituindo o Projeto de EaD. Falta de conhecimento da prática andragógica na educação do adulto.

Depois desse susto, ficou a sensação de que a EaD era tratada apenas como mais uma modalidade educacional, sem muito mistério e, sobretudo muito rentável...

2. A tutoria e orientação da aprendizagem nesse cenário



Muito se fala sobre o "novo papel" do professor diante dos desafios da EaD. Mas observa-se que a questão central desses desafios está na forma como o professor encara a EaD e como ele se compromete com os pressupostos de ensinar e reaprender fora das quatro paredes do ensino presencial.

No início, foram muitas as tentativas de preparar o professor para a docência virtual, mas os resultados não foram os esperados. Acredita-se que além dos motivos aqui

destacados, a questão pessoal e a dificuldade em lidar com os processos psicopedagógicos da EaD contribuíram sobremaneira para esses resultados

Outra questão chave se refere ao desencanto do professor com a EaD depois que ele - na maioria das vezes - é colocado no "frontend" sem preparo e sem perspectiva de crescimento pessoal e de carreira na instituição onde trabalha.

Recentemente coordenei uma oficina (do 7º SENAED) cujo tema foi o Plano de Carreira na EaD e fiquei surpreso com o resultado da pesquisa que fiz durante o evento: 92% dos participantes (professores e gestores da EaD) não tinham em sua IES um Plano de Carreira e Remuneração Justa.

Como se envolver, como o professor pode ser cúmplice da Ead com esse descaso? Como ser criativo sem estímulo, sem segurança?

Talvez, seja este um dos fortes motivos para a resistência dos alunos, da comunidade empresarial em relação à EAD e a falta de compromisso de muitos professores que lidam na orientação da aprendizagem a distância.

Outro ponto para reflexão, do ponto de vista do tema de nossa conversa, se refere ao título - tutoria / tutor - que sugere a precariedade do professor na docência virtual.

Tutor de quem?

Essa é uma questão chave na discussão sobre o novo papel do professor na EaD. Na educação pressupõe-se a orientação da aprendizagem que deve ser feita pelo professor indicado para uma determinada disciplina.

Entende-se que pelo fato dessa orientação ser a distância, não muda, em nada, a importância do professor nesse processo, sendo, porém, fundamental que o professor conheça e tenha domínio das técnicas e tecnologias mediadoras da EaD, bem como, das técnicas andragógicas, mais adequadas para a educação do adulto e a sociedade complexa em que vivemos.

Nesse sentido, o professor precisa estar habilitado e dar conta do seu novo papel diante dos desafios da orientação da aprendizagem a distância: professor observador; articulador, animador, orientador e problematizador.

MAS SEMPRE PROFESSOR / EDUCADOR.

Nesse contexto pode-se afirmar que a Tutoria é mesmo uma função na EaD? O que mudou nesses 12 anos?

Como você vê a falta de Gestão da EaD com qualidade e sustentabilidade e a sua influência direta nos resultados da aprendizagem a distância?



Prof. Enilton Ferreira Rocha, 12 de junho de 2009.

www.wr3ead.com.br

MSN e SKYPE - enilton_ead@yahoo.com.br

<http://lattes.cnpq.br/1682585826032961>